



PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

RUTHYANNA CAMILA MEDEIROS DA SILVA

(entrevista)

Patos, PB

2019

LECCORPO-CEFIS-UNIVASF

ESEFID - UFRGS

FICHA TÉCNICA



Fotografia produzida, em junho de 2019, em Patos (PB). Da esquerda para a direita: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima e Ruthyanna Camila Medeiros da Silva .

Projeto: Mulheres nordestinas na arbitragem do futsal: institucionalização e trajetórias, dissertação de autoria de Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Número da entrevista: E-916

Nome do/a entrevistada: Ruthyanna Camila Medeiros da Silva.

Local da entrevista: Patos (PB).

Entrevistadora: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Data da entrevista: 04/06/2019.

Transcrição: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Copidesque: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Pesquisa de termos: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima.

Revisão: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 43 minutos e 18 segundos.

Páginas Digitadas: 21.

Observações:

* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual pratico para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em História, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O LECCORPO realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: SILVA, Ruthyanna Camila Medeiros da. Entrevista concedida por Ruthyanna Camila Medeiros da Silva ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistadora: Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima. UFRGS, UNIVASF, PATOS (PB), 04 jun. 2019, 24p.

SUMÁRIO

Infância da árbitra e sua relação com o esporte; Reação familiar quanto à escolha em tornar-se árbitra; Processo de formação da árbitra; Primeiro jogo como árbitra federada e confederada; Questões de gênero na arbitragem; Treinamento físico para arbitrar; Cenário do futsal ao tornar-se árbitra e atualmente; Relações institucionais e interpessoais (Federação Paraibana de Futsal e Confederação Brasileira de Futebol de Salão - Futsal); Possíveis causas do número reduzido de árbitras de futsal; Definição de ser “mulher árbitra”; Pontos positivos e negativos em ser árbitra; Considerações finais.

Patos (PB), 04 de junho de 2019. Entrevista com Ruthyanna Camila Medeiros da Silva (R.S.) a cargo da pesquisadora Maria das Dores Pinto Sant'Ana Lima (M.L.) para o Laboratório de Estudos da Cultura Corporal da Universidade Federal do Vale do São Francisco.

M.L. – Entrevista com Ruthyanna, árbitra CBFS¹ (PB), dia 04 de junho de 2019, as dez e quatorze, em Patos, Paraíba. Qual teu nome?

R.S. – Ruthyanna Camila Medeiros da Silva.

M.L. – Data de nascimento?

R.S. – 02 de agosto de 1995.

M.L. – Onde nasceu?

R.S. – Natal, Rio Grande do Norte.

M.L. – Qual a tua escolaridade?

R.S. – Ensino superior completo e mestrado em andamento.

M.L. – Superior em qual área e o mestrado também?

R.S. – É... superior completo na área da Licenciatura em Educação Física e Medicina Veterinária e o Mestrado na área de Medicina Veterinária.

M.L. – Sua profissão?

R.S. – Médica Veterinária.

¹ Confederação Brasileira de Futsal.

M.L. – Ruth, eu queria que você me contasse como foi a tua infância e a tua relação com o esporte.

R.S. – Na verdade, eu não tinha relação com o esporte na infância. Eu... Mais ou menos na adolescência foi que eu comecei a jogar bola e entrei no futsal jogando bola na equipe da AABB² daqui de Patos. Aí vim prá estudar em Patos e comecei a participar da equipe de Jogos Escolares, aí fui me identificando com o futsal e assim também entrei na arbitragem.

M.L. – Então seu envolvimento com o esporte, ele está ligado a alguma escola, a alguma equipe específica?

R.S. – Na verdade, ligada a aonde eu iniciei que foi na Escola Premen e a equipe da AABB, o clube da AABB.

M.L. – Na escola, você lembra quando foi esse seu envolvimento? Em qual segmento de ensino?

R.S. – Eu me encontrava no ensino médio, mais ou menos no primeiro ano, no segundo ano, foi quando eu iniciei.

M.L. – E a sua família, como é que via seu envolvimento com o esporte? Aprovava? Como é que era essa visão de você estar envolvida num esporte, mais especificamente o futsal?

R.S. – Sim, minha família sempre me apoiou nas minhas decisões, eles sempre foram muito a favor. Só aquela mesma coisa de pai, de nunca deixar de estudar, essas coisas. Mas sempre me apoiaram no futsal ou em qualquer outra modalidade que eu disputasse.

M.L. – Além do futsal, você se dedicou a alguma outra modalidade esportiva?

R.S. – Somente em participações de Jogos Escolares mesmo, jogando handebol, voleibol; mas a participação durante o ano quando não tinha o futsal. Aí eu participava das outras modalidades.

M.L. – E como o futsal começa a fazer parte da tua vida de forma decisiva?

R.S. – Assim que eu comecei a participar das competições da AABB - que chamam de FENABE³, GEMABI⁴. Elas se dividem em blocos de Regional, Estadual e Nordeste. Aí a gente começou a participar de competições e assim eu fui criando o gosto pela modalidade e ganhando títulos e continuei querendo ficar no esporte.

M.L. – Jogava em qual posição?

R.S. – Jogava de central, de beck, né? Que alguns chamam assim.

M.L. – Você costuma acompanhar algum esporte ou futsal regularmente?

R.S. – Acompanho sempre o futsal e o futebol também, que é outra de minhas paixões.

M.L. – Por qual meio você consegue acompanhar essas competições?

R.S. – Ah... TV, rede social, internet no geral, né?

M.L. – Quais jogos você acompanha com mais frequência?

R.S. – É... de futsal, as competições de Liga, as competições regionais; de futebol também, os Campeonatos Brasileiros no geral.

M.L. – Jogou futsal por alguma equipe específica, além da AABB local?

R.S. – Não. Ainda participei de alguns treinos do CEVICAR, mas acabou que eu não vinguei. Não quis, na verdade ficar por lá, aí voltei prá Patos e continuei na AABB. O CEVICAR de João Pessoa, na época, com Gleide⁵.

² Associação Atlética Banco do Brasil.

³ Jogos Internos das AABB's (etapa regional).

⁴ Jogos Internos das AABB's (etapa estadual).

⁵ Nome sujeito à confirmação.

M.L. – E o CERVICAR, era o quê? Era um clube? Era uma agremiação? O que seria a definição dessa abreviatura?

R.S. – Era um clube que participava do Paraibano. Na verdade esse grupo existiu por muito tempo, que era um clube interligado ao Botafogo do campo, que no futsal chamavam de CERVICAR, mas aí passei pouco tempo por lá. Foi uma passagem rápida, e retornei prá AABB.

M.L. – O Botafogo da Paraíba, no caso?

R.S. – Isso. Isso.

M.L. – Lembra quando foi isso e onde foi essa sua breve passagem por esse clube?

R.S. – Na verdade, foi mais ou menos no ano de 2014, por aí. Eu era nova na época... é... mas aonde foi especificamente eu não lembro. O ginásio específico também não.

M.L. – Quem foram os treinadores ou treinadoras que mais marcaram a tua trajetória enquanto atleta de futsal?

R.S. – Ah, enquanto futsal, eu posso destacar Pedro Romero, que é o atual presidente da AABB. Na verdade, só ele foi quem me deu as oportunidades. O treinador Vaval também, o Josivaldo⁶, que é daqui também, que foi me dando as oportunidades. Como eu não tive muitas outras passagens, eu acho que eu só posso destacar eles mesmo.

M.L. – E no futebol, que é sua outra paixão, conforme você relatou anteriormente, teve alguém que tivesse te dado esse apoio, tivesse marcado tua trajetória enquanto atleta?

R.S. – Não, no futebol... até porque aqui em Patos não é uma modalidade tão desenvolvida. Eu apenas brincava mesmo no futebol... Aí não tem alguém que se destaque, aqui não tem um time formado, entendeu? Só tem mais pro lado de João Pessoa

que é o Botafogo hoje, que se destaca e trabalha em competições nacionais. Nunca tive passagem por nenhum time, nem amador e nem profissional no campo.

M.L. – E como é que a sua família via esse seu envolvimento com essa agremiação da AABB, essas suas competições? Como é que a sua família via essa sua relação com o esporte enquanto atleta de competição?

R.S. – A princípio eles tinham certo cuidado, porque é filha única e tal, sair de casa só, mas sempre acreditaram na confiança que o Pedro Romero repassava prá eles e sempre me apoiaram. Enquanto apóio nunca tive nenhuma restrição, nunca tive nenhum preconceito dos meus pais, quanto à modalidade. Sempre me apoiaram mesmo, me incentivavam... As viagens, depois de certo tempo, me incentivavam às viagens, a ir treinar, me apoiavam e nunca tive nenhuma restrição não.

M.L. – Conseguiu fazer amigos ou amigas dentro do esporte?

R.S. – *Com certeza!* Acho que as amizades que eu tenho hoje são do esporte e é o que a gente leva prá vida. Além da competição, a gente vive novas experiências, conhece novas pessoas e isso é o que o esporte tem de melhor.

M.L. – Quando e por que Ruthyana começa a arbitrar?

R.S. – Na verdade eu comecei na arbitragem por acaso. É... eu fui acompanhar, na época era o meu namorado, um jogo de campo e ele... e faltou uma pessoa, um árbitro nesse jogo. E eu era atleta, na verdade eu ainda jogava e ele era árbitro. Aí faltou uma pessoa e eu tive *que* bandeirar o jogo, ser assistente. Aí pronto, depois *desse dia* tomei gosto pela *coisa*, acabei que fiz o curso de futsal também, na mesma época, no mesmo ano, e engrenei na arbitragem de repente [riso].

M.L. – Então você acabou caindo de paraquedas num momento em que faltou alguém prá arbitrar?

⁶ Nome sujeito a confirmação.

R.S. – Foi [riso]. Na verdade caí de paraquedas no meio do tumulto, né? Porque não sabia de regra, não sabia de nada [riso]. Mas fui, não deu nada no jogo, aí tomei gosto [riso].

M.L. – Lembra qual era a competição?

R.S. – *Lembro!* Era um campeonato sub 17 local, amador, daqui de Patos.

M.L. – Alguém te apoiou nessa decisão de tornar-se árbitra?

R.S. – Na verdade, tive de meu namorado que hoje é meu esposo e de meus pais também. Meus pais souberam depois [riso], né? Mas não tiveram nenhuma restrição. Meus amigos a princípio estranharam: “*Homi*, vai deixar de jogar prá ir apitar!”. Mas depois foram vendo que também eu tinha potencial prá aquilo e que eu gostava e começaram a me apoiar também naquela situação.

M.L. – Então seu esposo também é árbitro? Então em casa a relação fica mais fácil?

R.S. – É, ele... Hoje, atualmente, ele não é mais. Na verdade, quando eu engrenei no quadro da Federação, ele saiu e veio prá ser treinador. Hoje ele é treinador [riso] da equipe da AABB sub 20, mas sabe mais ou menos o que se passa na arbitragem, porque já foi árbitro e eu costumo dizer que eu entrei e ele saiu, né [riso]? Mas foi ele quem me colocou, praticamente iniciou minha carreira e sabe de tudo que se passa dentro da arbitragem e fora.

M.L. – Ele é treinador de futsal ou de futebol?

R.S. – De futsal. Inclusive tava agora na Taça Brasil, divisão especial e ficou em terceiro lugar, perdendo pro campeão, pro Magnos, na prorrogação.

M.L. – E aí... imagina a seguinte situação: tem um jogo lá, Ruthyanna é a árbitra e o esposo é o técnico. Como é que fica essa relação dentro do jogo?

R.S. – Justamente, a gente [risos]... Nos campeonatos, principalmente amador e nas competições oficiais aqui da Paraíba, eu costumo não ir pros jogos dele, evito. Até porque prá evitar qualquer tipo de comentário e alguma situação em casa que não venha ocorrer de fora de quadra. A gente prefere se reservar quanto a isso.

M.L. – Então você nunca trabalhou em jogos em que o esposo tivesse no banco enquanto técnico?

R.S. – Não e nem pretendo [risos].

M.L. – E por que ele te apoiou nessa decisão de você adentrar no mundo da arbitragem?

R.S. – Na verdade ele... Eu só acho que ele me apoiou porque ele ain... Quando eu entrei, ele ainda era do quadro, vivia a situação e em seguida saiu. Mas quando saiu, foi quando começou a vivenciar algumas situações aqui do campo, algumas situações que aconteceram aqui e ele ficou muito desgostoso. Queria que eu saísse também, mas ao mesmo tempo queria que eu ficasse. Eram aquelas situações de não tá sendo escalado, aquelas coisas, mas que são fases e a gente tem que aprender a suportar. Hoje a gente vive uma situação de um apoiar o outro.

M.L. – Ruth, como estava o futsal na época que você começou a arbitrar? Como era sua jornada como árbitra de futsal? Tinham muitas competições regionais, estaduais, como é que era o quadro naquela época?

R.S. – Naquela época... Na verdade, tinha poucas competições na cidade em que vivo, Patos. Tinha poucas competições amadoras e o Paraibano já existia. O Paraibano não era... não era como é hoje que é dividido por regiões: tem o Sertão, o Cariri e o Litoral. Era todo mundo numa chave só. Então não era tão dividido. Então, depois que foi e que passou a ser agora como é, Regional, que tem mais... Que é dividido por regiões, que tem mais oportunidade prá todos. E... é... Até onde eu sei, não tinha... não tinha árbitra no quadro da Federação local de futsal. Não tinha árbitra. Aí foi quando eu comecei, outras meninas se interessaram também e aí foi que engrenou mais o quadro feminino.

M.L. – Hoje, você sabe precisar quantas árbitras compõem o quadro da Federação Paraibana de Futsal?

R.S. – Atualmente só duas. Foi... Somos eu e Paloma⁷, no caso, que também são do quadro CBFS. Atualmente no quadro da Federação somos só nós duas.

M.L. – Pouquíssimo, né? Ruth, o que te motivou a fazer o curso de arbitragem de futsal, além do esposo ter dado um empurrãozinho inicial? O que foi que mais te motivou a fazer esse curso de arbitragem?

R.S. – Sinceramente, a princípio eu fiz sem pensar muito no futuro. Fiz pensando no... em aproveitar a oportunidade de fazer. Não esperava vingar tanto como vem acontecendo. Esperava mais apitar jogos só por aqui pela região, mas hoje venho apitando em todo o estado. E eu esperava mais o momento mesmo, não pensava muito no futuro não.

M.L. – E como foi esse curso? Lembra quando foi, onde foi, como é que ele aconteceu?

R.S. – Esse curso, ele aconteceu na cidade de Cajazeiras, que é meio distante daqui. Se não me engano, são cento e oitenta quilômetros. É. Aí aconteceu num intensivão de quinta, sexta, sábado e domingo. Não lembro as datas também, mas foi mais ou menos intensivão, aí reuni um pessoal daqui, chamei, convidei, que também não adiantava eu ser única, né, porque a gente não apita individual. Aí chamei o pessoal, convidei, porque a minha intenção era formar um grupo para estabilizar a situação da cidade, como é hoje, que tem competições amadoras o ano inteiro, que tem competição de base e ser vista, né? Aí foi que tive a ideia de fazer o curso e chamei o pessoal prá ir.

M.L. – Lembra como era dividido esse curso? Tinha prova? Tinha a parte prática? Como é que era?

R.S. – Sim, sim. Era... Inicialmente, os dois primeiros dias, era de parte teórica; o terceiro dia, a parte prática e no último dia, as provas, né? A prova teórica e não foi feita a prova física porque ia ser feita posteriormente, depois dos resultados da prova teórica.

M.L. – Antes do curso você já arbitrava?

R.S. – Já. Arbitrava amador aqui, nas competições de futsal amador, mas também com um pouco de receio. Depois do curso foi que eu vim ganhar mais... mais confiança, mais autoridade.

M.L. – Então arbitrar os jogos sem o conhecimento de regra era um pouco complicado?

R.S. – Era complicado. Talvez se fosse questionada, me sentiria insegura em responder ou se... não soubesse da situação... Então com o curso ficou tudo mais confiante prá vingar.

M.L. – Você lembra quando e como foi seu primeiro jogo como árbitra de futsal?

R.S. – Eu lembro que foi um jogo do Paraibano aqui da região. Foi, se não me engano, foi Catolé do Rocha e Riacho - um Paraibano adulto que eu fui. Inclusive fui eu e meu esposo na escala [riso]. E... o jogo em si foi tranquilo, apesar de quando chegar ao ginásio ter aquela surpresa, cê parece ser uma alienígena [riso], todo mundo te olhar, mas o jogo em si foi tranquilo, os atletas respeitaram. Não sei se respeitaram por receio ou por qualquer outra coisa, mas o jogo em si foi tranquilo. A experiência foi estranha, assim, pelo fato das pessoas... a surpresa das pessoas, a reação, mas me senti... no jogo eu me senti muito bem.

M.L. – Jogo masculino ou feminino?

R.S. – Foi masculino, Paraibano, masculino adulto.

M.L. – E a tua primeira participação numa competição como árbitra confederada? Saiu... saiu daqui da Paraíba, foi respirar ares novos... Como é que foi essa experiência?

R.S. – Ah, foi muito... muito interessante, muito satisfatório, porque quando chega à convocação, a gente não espera, né? E como era meu primeiro ano no quadro nacional

⁷ Nome sujeito a confirmação.

também, eu não esperava vir uma ... uma convocação no primeiro ano. E a experiência foi incrível. Você conviver com outras pessoas, ver a realidade de outras pessoas, outras culturas, outras... é... outros modos. Ver que são realidades distintas, ver a realidade de outro estado para o seu estado. Mas a competição em si eu pude ter um desenvolvimento bom, cheguei a fazer a final da categoria A, no caso, e a competição em si não tive o que reclamar não.

M.L. – Foi aonde a competição? Lembra?

R.S. – Foi em Curitiba, no Paraná.

M.L. – Qual competição?

R.S. – Jogos Escolares. O Brasileiro dos Jogos Escolares da Juventude, que... Foram as duas categorias juntas, A e B.

M.L. – Quais as idades?

R.S. – De doze a catorze, que era a categoria A e de quinze a dezessete, que era a categoria B.

M.L. – Nessa competição, arbitrou jogos de qual gênero?

R.S. – Nessa eu só apitei do gênero feminino, mas de ambas as categorias, de doze a catorze e de quinze a dezessete. Nesses jogos que eu fui, só apitei o... gênero feminino.

M.L. – Saberá dizer hoje, quais foram os teus principais jogos arbitrados, masculinos e femininos e em quais competições?

R.S. – Ah, hoje, eu acho que no feminino, foram os Jogos Escolares mesmo e no masculino, eu posso destacar o Paraibano, pois é aqui que acontece o clássico do sertão - como eu sou do sertão, eu me sinto privilegiada em poder participar do clássico, em ser respeitada, em ter o privilégio de estar - que é Brejo e São Bento, que eu pude tá o ano

passado. E... um dos principais jogos também, que prá mim foi excepcional, foi o da Liga Nordeste, ano passado, que eu pude tá na final. Que foi Brejo e o time do Ceará que sempre fazem a final da Liga, na Liga Nordeste. Que foi a etapa aqui em Brejo, em que eu pude fazer a final numa competição masculina a nível Nordeste. E feminino... os Escolares mesmo que eu posso destacar. São essas mesmas.

M.L. – Esses jogos da Liga Nordeste foram adulto?

R.S. – Adulto. Foi na categoria principal.

M.L. – Ruth, como é a condução de uma partida de futsal quando o jogo é masculino? Ela difere da condução de um jogo feminino?

R.S. – Ah, com certeza. A dinâmica é outra, o contato é outro, as reclamações são outras... Eu acho que é uma experiência totalmente diferente. É tanto que você sente quando tá... A diferença num jogo masculino prá um feminino ou vice-versa. As cobranças são diferentes, realmente, independente do nível.

M.L. – Poderia citar alguma diferença que para você seja mais marcante nessa condução?

R.S. – Acho que a diferença é a... é a postura em si, né? No nível masculino, na categoria masculina, eles... eles... se for... se você não for reconhecida no meio, eles sentem que, por ser uma mulher, eles cobram mais. Normalmente eles vão querer crescer prá cima de você, vão querer lhe testar, como a gente diz, prá ver como você vai reagir naquela situação, e o feminino não. O feminino vai... É como se fosse tratada com igualdade. Elas vão te olhar igual... E no masculino eles não vão... não vão te olhar... eu acho que nunca vão te olhar com igualdade.

M.L. – Você já parou de arbitrar em algum momento de tua carreira?

R.S. – Não, nunca parei. Já... apesar da carreira ser curta, também algumas vezes a gente pensa em parar, em deixar. “Que é que eu tô fazen...?” Se pergunta: “O que é que está fazendo aqui?” Mas eu acho que são fases, são momentos. E existem pessoas ali que te

apoiam, que te admiram, às vezes, e a gente nem sabe. Mas nunca cheguei a parar, não. Já pensei, mas nunca cheguei não.

M.L. – E esse pensar em parar, teve algum... algum... elemento motivador?

R.S. – Ah, eu acho que o preconceito, né? Sempre, *sempre* vai ser o preconceito. A gente se dedica igual aos homens, treina igual aos homens, estuda igual a eles, e mesmo assim, não é olhada com... com os mesmos olhos. Às vezes isso nos gera angústia, tristeza, é... não ter as mesmas oportunidades que eles, sabendo que pode corresponder àquela oportunidade. Aquilo leva a um desânimo, uma tristeza, uma falta de motivação prá treinar, prá estudar, prá tudo. Mas que é como eu tô dizendo, são fases que a gente tem que superar, buscar forças prá superar.

M.L. – E esse preconceito que você me falou agora, ele parte mais... parte de quem? Por quê?

R.S. – Eu acho que esse preconceito parte mais da sociedade que a gente vive hoje e não tem como fugir disso. Seja no esporte ou seja fora, no seu trabalho, no seu dia a dia, qualquer modalidade que a mulher hoje se destaca, ela vai ser vista com outros olhos. Ou de... de... admiração ou de inveja, vai ser vista com outros olhos. Eu acho que o mundo em que a gente vive hoje é um mundo preconceituoso ainda e nem sei se isso vai mudar.

M.L. – Além da arbitragem, você tem algum outro envolvimento com o esporte?

R.S. – Não. Hoje... hoje eu deixei de jogar, já faz dois anos, porque inicialmente eu jogava e apitava. Mas aí eu fui vendo que não tinha como servir a dois senhores ao mesmo tempo [riso]: queria tá jogando no fim de semana, mas também queria tá apitando. Às vezes me machucava jogando e não tinha como eu ir apitar. Então eu fui vendo que não tem como servir a dois senhores e fui deixando aos poucos. Foi dolorido, mas fui deixando e me dedicando só a arbitragem. Hoje, de vez em quando, ainda brinco um futvôlei com o pessoal, mas nada de com... com... Até participo de competições, mas só aqui na cidade, de vez em quando e quando eu tenho tempo. Não deixo mais de apitar prá jogar, como antes fazia no início.

M.L. – Você tem algum outro trabalho?

R.S. – Não, na verdade estou só seguindo a área acadêmica. Agora eu tô desempregada [riso], fazer como o outro. Não quero ter a arbitragem como um emprego e sim como um hobby, uma coisa que eu gosto de fazer, porque a gente se apega demais a isso e acaba se decepcionando, às vezes. Mas hoje eu tô desempregada e tô vivendo mais na área acadêmica, de mestrado mesmo.

M.L. – Como é a sua rotina ou organização prá você arbitrar e realizar suas outras funções?

R.S. – Bem... Semanalmente eu venho prá faculdade, manhã e tarde. À noite, chego mais ou menos cinco horas e vou prá academia ou fazer uma corrida na rua, algum tipo dessas coisas. Chego, vou estudar, algo do tipo. É... final de semana, quando tem... que é que tem os jogos, aí viajo na sexta, passo o final de semana, volto na segunda de manhã ou no domingo à noite - isso quando tem essas competições no final de semana. Quando tem os jogos separados, por exemplo, agora vai começar o Paraibano, domingo já tem jogo, aí eu já me programo diferente: domingo de manhã eu já viajo pro jogo, volto prá cá à tarde. E assim segue a rotina de treinamento e estudo e... jogos.

M.L. – E como é que fica aí a relação Ruthyanna esposa nesse ir e vir, não tá em casa final de semana?

R.S. – É... assim. Bem assim que... Ainda bem que ele entende, né? O tempo da gente é corrido. A gente mal se vê também. Ele também tem muitas competições com o time dele, mas como ele é do meio... ele entende as situações. Ultimamente, eu acho, a gente só tem se visto à noite [riso]. Só tem se... é... tido um tempo prá gente à noite e muito mal, pois chega cansado... como a rotina de... de casal mesmo [riso]. A gente chega cansado e vai descansar e nos finais de semana, quando tem tempo, a gente sai, dá uma volta... Até porque não dá prá fazer muita coisa, mas ele entende, é tranquilo. Ele tem as obrigações dele e a gente apóia um ao outro e assim vai seguindo.

M.L. – Ruth, como é que você organiza seu treinamento físico para a questão da arbitragem? Você faz algum trabalho específico? Como é que é esse seu preparar-se para arbitrar?

R.S. – É... não. Diariamente eu tenho treino físico. Treino específico tipo... treino de agili... hoje é treino de agilidade, hoje é treino de posicionamento, hoje é treino de academia. Então prá cada dia tem uma planilha que eu sigo, prá cada dia tem seu treino específico. E assim me preparo pros testes físicos e prá o posicionamento de quadra.

M.L. – Você faz curso de atualização de futsal?

R.S. – Não, na verdade nunca fiz cursos de atualização. Eu procuro mesmo estudar aleatório, sozinha ou com grupos de estudo, ou com outros árbitros, mas nunca fiz curso não.

M.L. – Então a Federação Paraibana, ela não realiza atualização com seu quadro de arbitragem?

R.S. – Ela faz no início... no final do ano, entrando pro outro, que é quando a gente se reúne e faz um final de semana intensivão, entendeu? Mas... assim, tipo mensal, não, cada um por si.

M.L. – Ruth, a tua forma de arbitrar, de conduzir as partidas, mudou durante os anos de teu exercício de arbitragem?

R.S. – Ah, mudou bastante. A gente amadurece, vai ganhando mais responsabilidade, vai ganhando mais cancha como diz os amigos [riso]. Mas mudou bastante. Eles foram me vendo com outro... A partir do momento que eu fui correspondendo às oportunidades, eles foram me vendo com outros olhos, com outro olhar de respeito. Vendo que ali era também uma... um profissional que tava ali e não só uma mulher. E fui ganhando mais maturidade nos jogos diariamente.

M.L. – E qual seria hoje a tua... que você poderia apontar, hoje, como sendo sua grande modificação com relação ao conduzir das partidas?

R.S. – Ah, eu acho que postura. Eu melhorei muito minha técnica de postura, sinalização. É... criou assim, uma condição de respeito entre mim e os atletas. Tratar sempre com educação e assim eles foram vendo... tendo essa imagem.

M.L. – Alguma regra ou forma de organização das árbitras ou da Confederação, com relação à arbitragem feminina, com relação ao futsal, mudou durante esse tempo que você faz parte desse quadro nacional?

R.S. – Mudou... Eu não vejo muita mudança não, no quadro feminino nacional. Eu acho que é uma coisa muito estacionada. A gente não se reúne, não faz muita modificação. Eu acho que é uma coisa muito... simplesmente alguém é indicado todo ano e... pelos seus estados e pronto. Não vejo um encontro anual, não sei se tem, não vejo um encontro anual disso... Acho que é muito estacionado o quadro feminino. Não só nacional, eu acho que no geral.

M.L. – Após a normatização do acesso de árbitras a quadro de jogo, isso aconteceu em 2000, precisamente, conduzindo as partidas, você acha que o cenário do futsal nordestino ou brasileiro, mudou com relação a ver essas árbitras atuando dentro de quadra?

R.S. – Ah, eu vejo que isso está num estágio de evolução. Antigamente a gente não se via em quadras, não se via atuando e hoje a gente já entra no... quem tá entrando hoje, já entra vendo outras mulheres atuando, já entra sonhando com aquela oportunidade de poder atuar. Acho que isso é um estágio de evolução muito grande.

M.L. – Como é a tua relação com a tua Federação?

R.S. – A minha relação é muito boa. Eu acho que sou uma das pessoas privilegiadas, porque eu posso atuar no sertão, posso atuar em Campina, posso atuar em João Pessoa... Eles me ligam perguntando da disponibilidade, se eu posso vim, concedem minhas

passagens e hospedagem prá ficar, além dos jogos. Eu acho que em questão de oportunidade eu não tenho o que reclamar não.

M.L. – E com a Confederação? Como é a relação de Ruth com a Confederação de Futebol de Salão?

R.S. – Com a Confederação também. Eu acho que todos os anos, desde que eu entrei no quadro, eu... no primeiro ano inclusive, eu tive oportunidade e depois eu só venho em estágio de evolução. Particpei de Jogos Escolares, particpei de Liga Nordeste, ano passado agora. Então eu acho que é um estágio da Confederação que vem evoluindo, que antigamente não se imaginava uma mulher tá atuando em Liga Nordeste, até onde eu sei. Então eu acho que é uma... uma relação de confiança. Vai ganhando confiança e você vai correspondendo.

M.L. – E como é a relação de Ruthyana com as outras árbitras e árbitros da tua Confederação?

R.S. – A...

M.L. – Oh, desculpe, da tua Federação?

R.S. – A situação é... Como eu disse, eu acho que sou também privilegiada, que todos me ajudam no que precisar, me olham com bons olhos. Eu acho que desde o dia que eu entrei no quadro, me apoiaram, assim, por eu ser quase a primeira, prá não dizer a primeira, porque Renata teve aqui e depois saiu, né? Aí não teve um segmento. Aí depois eu surgi... então eu acho que eles me trataram como uma menina, assim, de ouro, assim, prá ver o crescimento, prá também ter a mesma intenção de chegar, quem sabe um dia, onde Renata tá, né?

M.L. – E na Confederação? Como é que é essa relação com as outras árbitras, com o pessoal que compõe a Confederação?

R.S. – Na Confederação a relação que eu tenho com as meninas é de amizade também, é de... da experiência que eu tive em outros jogos com elas, em competições nacionais e criou aquele vínculo de amizade. Sempre com mulher é mais próxima. A gente conversa, tem grupo... é... eu acho que é uma experiência que os homens não têm tanto esse contato de... de trocar experiência. Às vezes, de uma tá com problema no seu estado, divide com a outra e assim vai desabafando e crescendo.

M.L. – Então a relação é uma relação de companheirismo, de apoio?

R.S. – *Com certeza!* É uma relação de amizade, não só na quadra, mas fora também.

M.L. – Ruth, ao longo de tua trajetória, você acha que recebeu algum tratamento diferente por ser árbitra?

R.S. – Eu acho que... o tratamento diferente a gente recebe *diariamente*. Em chegar num... num local e tá com o uniforme da arbitragem e ser olhada diferente por torcedores, por... até mesmo os atletas, comissão... Você recebe diariamente. Você só deixa de receber esses olhares, quando você já é conhecida no seu cenário, mas enquanto você chega... chega num olhar diferente. É como se você fosse à atração do jogo [riso]. Mas quanto a isso... é... fora esses olhares que sempre vai existir, não existe mais nada, mais diferente do que isso.

M.L. – Já teve alguma situação que te marcou na tua relação com dirigentes, com técnicos, jogadores ou jogadoras? Uma situação positiva ou negativa que tenha te marcado enquanto árbitra?

R.S. – Não. Acho que... situações acontecem no mundo da arbitragem, alguém querer contestar uma coisa ou outra, mas eu sinto assim, que eles, os dirigentes, jogadores, eles... Como eu disse, eles vêm mais acintosos prá cima de você por ser mulher, por ser uma árbitra. Eles vêm mais acintosos na intenção de ver como... como vai ser sua reação, mas nada mais do que isso ocorreu, não.

M.L. – E as torcidas? Já sofreu algum xingamento, alguma manifestação mais áspera, com relação a tua atuação? E você acha que seria diferente se você fosse árbitro e não árbitra?

R.S. – Não. Pelas torcidas seguem aqueles xingamentos normais, né, com a pobre de mainha, mas que é... que é normal [riso]. Acontece com homem e com mulher. Eu acho que se fosse árbitro ia ser a mesma coisa também... é... ia receber os mesmos xingamentos, as mesmas coisas; seria do mesmo jeito.

M.L. – Você poderia citar algum xingamento, alguma fala que tenha te marcado, que tenha te chamado atenção no meio de tantos “elogios” à mamãe e etc?

R.S. – [riso] Não. Acho que os xingamentos de sempre [riso], xingamentos homofóbicos - esse tipo de coisa que acontece diariamente. Eu fico até... eu até brinco, às vezes, que eles... Uma hora chama de rapariga, outra hora chama de sapatão. Aí eu olho assim: “Decide o que eu sou que nem eu [risos]” “Tá ruim de cê saber o que é [risos]”. Mas fora isso, são xingamentos normais mesmo.

M.L. – Ruth, no geral, você acha que existe alguma diferença de tratamento ou de reconhecimento de trabalho, entre árbitros e árbitras?

R.S. – Ah, existe, principalmente de... de tratamento também, de reconhecimento *mais*. Eu acho que é mais... Eu acho que o reconhecimento e a gratidão, eu acho que é uma das dádivas da vida que a gente tem que ter. E quando você faz seu trabalho e não... não é reconhecido por aquilo, eu acho muito frustrante... é... você se desmotiva. Mas de existir, acho que sempre vai existir. Eu não tenho muita [riso]... não sou muito esperançosa, nem positiva quanto às mudanças da sociedade não.

M.L. – E ao que é que você atribui um número tão reduzido de mulheres dentro da arbitragem de futsal?

R.S. – Eu acho que ainda... o preconceito. Mas eu acho que... A gente tá em estágio de evolução. Como eu disse antes, eu acho que hoje, quem entra hoje, vê outras mulheres atuando, outras mulheres correspondendo as oportunidades. Já é muito bom e já entra com

confiança. Mas antes que não tinha ninguém prá você se espelhar? Prá quem já tá aí no batente há muito tempo, tem que parabenizar mesmo, reconhecer, porque antes... é... foram pioneiras, praticamente, né? Então foram elas que deram a cara prá bater primeiro, e isso é importante demais hoje.

M.L. – Na opinião da Ruth, o que é que poderia ser feito para que nós tivéssemos um aumento no número de mulheres arbitrando no futsal, tanto nordestino quanto brasileiro?

R.S. – Eu acho que incentivo, né? Pelo menos na divulgação, incentivo, levar as árbitras de um estado pro outro ou no seu próprio estado, fazer cursos, palestras... nas regiões, microrregiões. *Divulgar!* Muita gente não sabe que existe arbitragem feminina. Ainda tem muita gente leiga, que não sabe e que pode trabalhar em competições masculinas. Então eu acho que a divulgação é o melhor meio da gente crescer o quadro.

M.L. – Qual tua opinião a respeito do SportTV, nesse último final de semana, ter transmitido o *Grand Prix*, uma competição internacional que aconteceu no Brasil? Prá você, qual a repercussão dessa transmissão de uma competição de equipes femininas, também arbitrada por uma equipe de arbitragem feminina?

R.S. – Eu acho que é um passo muito grande que a gente dá no quadro da arbitragem, no futsal feminino e... e assim como no campo também, que agora está sendo transmitido o Brasileiro Feminino na Band - já é também um nível de audiência alto. Eu acho que tá mostrando que também o feminino pode ter um reconhecimento, pode ser do mesmo jeito do masculino e que pode dar também audiência à TV. Que pode ser do mesmo jeito!

M.L. – Você percebe alguma diferença na condução das partidas, no portar-se, das árbitras do nordeste com relação às árbitras de outros estados?

R.S. – Não, eu acho que não. Eu acho que vai de cada um mesmo. Eu acho que vai do... da individualidade de cada um mesmo. É... não existe essa diferença: “Eu sou do nordeste, sou melhor do que alguém que é do sul”. Eu acho que não existe isso. Acho que cada um trabalha e ganha seu espaço, naturalmente, sem precisar tá derrubando ninguém. E as oportunidades vêm e vai depender só de você corresponder ou não.

M.L. – Ruth, como você definiria ser mulher árbitra no nordeste brasileiro?

R.S. – Eu acho que... fazer como o outro... é mulher macho, sim sinhô, né? [riso] Porque a gente passa por muita coisa mesmo! Não sei... não sei como é no sul, que são situações diferentes, mas aqui, por ter aquele... aquele outro olhar... Em todo canto tem, mas no Nordeste eu acho que é mais difícil ainda, porque eu acho que as oportunidades são mais difíceis. Sempre há um olhar diferente e a gente sabe que as oportunidades não são igualitárias nos estados. Mas é... trabalhar prá corresponder quando... quando tiver a sua oportunidade mesmo.

M.L. – Quais são as maiores barreiras que você encontrou ou enfrentou ao longo de sua carreira enquanto árbitra?

R.S. – As maiores barreiras foram... Eu acho que foi no início, começar. Eu acho que ninguém acreditava que hoje eu ia vingar, que hoje eu ia ter respeito, que hoje eu ia chegar no... no local e as pessoas iam me ver como árbitra e não como... como mulher, como uma pessoa que apita normal, mas como profissional. Eu acho que eu fui mostrando... No início eu acho que poucas pessoas acreditavam, talvez nem *eu mesma* acreditasse que eu ia conseguir [riso] chegar onde tô hoje. E é porque nem tô muito longe, mas eu acho que cada conquista tem o seu valor. É... e você deve valorizar seu dia a dia, suas lutas, suas batalhas.

M.L. – Ruth, que avaliação você faz a respeito da inserção das mulheres no cenário do futsal nordestino e até mesmo brasileiro, como atletas, como técnicas, como árbitras?

R.S. – Eu acho que isso vem de uma crescente, né? Hoje a gente já vê muitas árbitras atuando, até em competições masculinas, vê muitas árbitras em Jogos Escolares, mas que ainda tem um além. Eu acho que a gente pode mais. Têm muitas... muitas técnicas agora, em times femininos ainda, mas eu acho que isso pode se expandir pro masculino futuramente. Eu acho que isso... espero que aconteça e que essa barreira se quebre. Mas vai depender de cada um corresponder ao seu resultado.

M.L. – Quais os pontos positivos e negativos em ser árbitra de futsal?

R.S. – Os pontos positivos que posso citar são as experiências de conhecer pessoas e lugares diferentes, o respeito. Já os pontos negativos são o preconceito, a desigualdade de gêneros, a exposição... Eu acho que é isso.

M.L. – Além do que a gente bateu papo aqui, do que a gente comentou, tem alguma outra informação, algum outro dado, alguma outra percepção tua a respeito da arbitragem feminina, do nosso cenário que está aí posto, que você gostaria de colocar, de externar nesse momento?

R.S. – Não. Eu acho que a gente comentou, falou sobre tudo mesmo, tudo. E é como eu disse, acho que a gente tá em estágio de evolução. A gente já evoluiu muito do ano de 2000 prá cá, que foi onde a gente começou a aparecer nas quadras, e... que não desista, que as coisas vêm no seu tempo, não adianta a gente se afobar, tudo tem sua hora, seu tempo... Deus é quem sabe. E que dificuldades todo mundo tem, todo mundo vai passar, basta buscar e batalhar prá corresponder à sua oportunidade.

M.L. – Eu queria aqui, Ruth, é... agradecer-te imensamente pela contribuição, dizer que a gente tá muito feliz em tê-la como colaboradora de nossa pesquisa.

R.S. – Eu quem agradeço pela oportunidade de tá participando dessa pesquisa. Eu acho que vai ser de grande valia, grande contribuição, não só na área acadêmica, mas prá que todos possam ver que existem mulheres que estão atuando, que estão no quadro. *São poucas!* Que isso possa se expandir, que possa evoluir e que seu trabalho seja um sucesso.

[FINAL DA ENTREVISTA]